

O SEMANARIO.

ORGÃO DOS INTERESSES PUBLICOS

Por semestre 35000.

EDICTO J. DO AMARAL SOBREIRA

Por trimestre 3600

ANNO VIII

TERREZINA 22 DE SETEMBRO DE 1883

N. 318

SECÇÃO LIVRE

Uma vez por tolas

Está provado: a « Epoca » fez de minha ida ao baile do Dr. Firmino Martins uma questão de salvação publica. Mais de uma columna de typo miúdo occupou-se em analysar o estranho factó, abrindo-se a respeito d'elle miúdo inquerito, no fim do qual fui condemnado a assignar termo de bem viver.

Altos são os poderes da « Epoca »! Entretanto, enquanto não chega cousa peor, farei ligeiras observações.

Pelo factó de ter ido ao baile, fiquei sendo liberal? Si fiquei, porque a « Epoca » não o diz francamente e não expede logo a bulla de excomunhão? Si não fiquei, a que vem esta tola questão?

Antes de passar adiante cumpre desfazer o engano da « Epoca » quando suppôz que no artigo precedente eu dei os motivos do meu acto. Não senhor, não justifiquei-me de modo algum, nem em tal armadilha eu cahia, sendo por ora senhor de minha vontade até ordem em contrario.

Incidentemente fallei no cumprimento de um dever de civildade transformado pela illustre redacção em *casus belli*, e com tanta razão o fiz que, si não fora esse dever, eu não estaria agora tendo o incommodo de responder a « Epoca » sobre um factó particular, que absolutamente não é da sua conta.

Bem sei que nenhum conservador deve quebrar a solidariedade politica, nem tornar-se, sem motivo, uma nota discordante no seio do partido, mas é preciso que nos entendamos sobre os termos da questão, sem o que não chegaremos a accordo.

O que se deve entender por solidariedade politica? Será a absorção da vontade particular pela vontade collectiva, ou a transfusão do pensamento de cada correligionario no pensamento dos chefes, em toda a vasta extensão da mentalidade?

Neste caso, nada de jornaes, nada de propaganda, nada de gremios, nada de chapas: basta o pé de Pompeu para fazer sair da terra legiões de soldados.

Causa-me espanto ver que a « Epoca », aliás composta de livres pensadores, recuse o livre exame em materias por sua propria natureza sujeitas á discussão.

Já vejo que a digna redacção fez bem em accentuar a differença que nos separa no modo de entender a politica.

Para mim a politica não é uma tourada em que os capinhas, depois de algumas farpadas, gritão á unha.

Os partidos não são tribus selvagens, separadas por odio implacavel,

marchando para a guerra ao som das *janubias*, insufladas pelo genio de Anhangá, e vibrando umas contra outras o terrivel *tacape* e as settas bervadas.

Faço da politica e dos partidos melhor conceito, crendo que ambos são obra dos povos policiados.

Já li, não me lembro em que livro velho, éscripto nos tempos em que o bom senso valia alguma cousa, já li que o mundo politico é constituido como o mundo phisico, tendo os corpos politicos o seu movimento proprio e o seu movimento geral, movimentos apparantes e movimentos reaes.

Ora, que no movimento geral das idéas em torno da bandeira adoptada os correligionarios, do primeiro ao ultimo, obdeção á força impulsora dos chefes — acho de razão: mas que na rotação de algumas horas em torno de interesses secundarios, variaveis, despertados pela occasião e muitas vezes illegitimos, a politica leve apos si o sentimento particular de cada membro do partido, fundindo em uma só a vontade de todos — isso não comprehendo e até não acho prudente, porque pode a demasia do esforço lançar fora da grande orbita o satellite arrastado.

Na minha humilde opinião, a solidariedade politica consiste unicamente na unidade de acção para a defesa da causa commum, fortalecida esta com o cimento das idéas e das convicções sinceras — jamais na invasão da consciencia alheia, na coparticipação dos odios de terceiro, na renuncia dos direitos da razão, na abdicção forçada da personalidade moral do homem: seria isto a solidariedade do servilismo, o cumulo da abjecção a que nenhum politico honesto e convencido sujeitar-se-hia de bom grado.

Pergunto agora: como, quando, e onde foi que os bailes, ou quaesquer outros divertimentos servirão de aferridores das crencas politicas de alguém? A « Epoca » sentir-se-ha embaraçada em responder-me, porque exemplos de casa, uns antigos outros modernos, depõem contra ella e fallão em meu favor.

No tempo do Sr. Leão Velloso, — o presidente que mais estragos fez no seio do partido conservador, — alguns conservadores importantes d'esta cidade comparecerão e até se cotisarão para o baile que os liberaes oferecerão áquelle illustre administrador, e o orgão do partido n'aquella epoca não lhes disse uma palavra de censura.

No tempo do Sr. Vieira Belfort os liberaes de Amarante festejarão-no com um esplendido baile ao qual assistirão chefes proeminentes do partido conservador n'aquella cidade, e a « Epoca » com o seu silencio, approvou o procedimento temerario dos revoltosos.

Ao deixar o governo da provincia em 1880, e depois de uma tremenda

oposição, esse mesmo Dr. Firmino, apenas chegou em Oeiras, os liberaes o saudarão com um baile no qual se acharão presentes dois chefes conservadores, e a « Epoca », sabedora do *attentado*, nem sequer o noticiou simplesmente.

Não faz ainda um anno que o chefe liberal, Dr. Cruz, embarcou com sua familia para o Ceará, e elle, que pouco antes havia soffrido da « Epoca » uma dolorosa ferida que ainda sangrava, de repente vio-se envolvido no incenso inebriante de certo artigo laudatorio, que parecia dirigido a algum salvador da patria. Elle merecia, sem duvida, o elogio de seus compadres da « Epoca », mas os compadres merecem hoje a nota de contradictorios.

Mas para que cavar tão longe, si temos bem perto de nós um caso decisivo?

Sabem todos que a « Epoca » nos ultimos dias da administração do Dr. Miguel Castro rompeu fortemente com S. Exc. accusando-o de subserviente, intolerante, perseguidor e não sei o que mais. Pois bem: retirou-se o homem para Pernambuco, e lá vão os redactores da « Epoca » — laciturnos e pesarosos — leval-o ao porto de embarque, esquecidos do mal que o presidente acabava de fazer ao partido; e eu que tambem faria parte do sequito, achando o factó natural, não fiz reparo si alguma lagrima furtiva marejou, por acaso, nos olhos dos impositores ao darem no viajante o abraço da despedida.

Outros factos poderia citar, mas bastão estes.

Entretanto (cousa incrível!) o que a outros era permitido, á mim é prohibido em identicas circumstancias, sob pena de ser afogado no Coccyto!

A « Epoca » tem dois pés e duas medidas na maneira de ver e julgar ás mesmas cousas: uma para os amigos e compadres, outra para os desaffectos ou indifferentes. Aquillo que na vespera era lei, torna-se crime no dia seguinte quando praticado por alguém que incorreu no seu desagrado.

Não é assim que se observão os Proverbios de Salomão.

Prevêjo a seguinte objecção do articulista: nada do que acabaes de dizer applica-se ao caso, porque trata-se de um baile meramente politico.

Politico! Pois, senhores, a carta de convite publicada na « Epoca », a « Imprensa » quando noticiou o factó, e a propria « Epoca » no artigo que estou respondendo, não disserão o contrario, asserendo que o baile foi oferecido ao Dr. Firmino pelos amigos politicos de S. Exc. (nem por outros podia ser) em signal de apreço e consideração a sua pessoa? Acaso tratava-se de uma demonstração publica, solemne, cathorica de approvação ás medidas governativas do presidente?

O que determina a natureza de uma cousa é o seu fim. Si o baile se dirigia a pessoa do Dr. Firmino, como convertel-o em manifestação ao presidente?

Quando mesmo assim fosse, não vejo razão para que um conservador não podesse, na fraze da « Epoca » augmentar o esplendor d'aquella festa com sua presença.

O que faz a cór da agua é o fundo do vaso, disse um illustre pensador. Si o vaso for vermelho, nunca a agua se fará amarella.

A presença de conservadores nas solemnidades liberaes e vice-versa, si motivos particulares não a impedem, significa tão somente que uns e outros reconhecem e applaudem a existencia dos dois partidos constitucionaes. Não descubro ali cousa que se opponha ao nosso pacto fundamental, ou suggira a idéa de transacção politica, a não ser nas cabeças vulcanicas de escriptores apaixonados, affeitos, não sei porque, a só discutiem de pistola na mão, ja não digo com os adversarios, porém até com os migos.

Dirá a impressivel redacção que o orgão do partido estava em guerra aberta e formal com o Dr. Firmino.

E' verdade, a lucta tinha chegado ao seu apogeo, a opposição tornou-se fascinante e cruel, mas pergunto: quem foi q', por imprudencia ou curiosidade, imitando os companheiros de Ulysses, abriu o odre governamental e açulou contra alguns membros do partido os ventos do poder? Não fui eu seguramente, que estanciava fóra de acção, ouvindo de longe o troar dos canhões, sem deixar-me envolver no fumo e fogo dos combates.

Razões de sobra tinha para assim proceder, a « Epoca » o sabe. Não foi o amor da commodidade que me deteve na indifferença, foi o sentimento da dignidade offendida, que a politica não tem o poder de aniquilar.

E d'este q' não foi parte na lucta, d'este q' não concorri nem para o ataque nem para a defesa — o q' impedia-me de acceder ao honroso convite de liberaes importantes, alguns dos quaes meus amigos particulares? As offensas recebidas do Dr. Firmino? Não erão tantas, nem tamanhas que me constituissem seu inimigo capital nos termos da Ordenação; e depois eu pensava que o esquecimento das offensas honrava e não deprimia o character do offendido. (*)

A « Epoca » admira-se do meu procedimento, entretanto quando o Sr. Miguel Castro tomou-me o emprêgo para dal-o a um seu parente, as varões conscriptos do illustre orgão dispensavão-lhe as maiores attentões, desmanchavão-se em crescentes elogios ao tino, circumspecção e tolerancia de S. Exc. e nem por isso eu lhes fui tomar satisfações. Tenho, pois, o

(*) Devo aqui declarar que, melhor informado, sei agora que meu irmão Plineo foi demittido, não pelo Dr. Firmino, e sim pelo seu antecessor.

direito de exigir tambem que não m'as tomem á mim.

A «Epoca» não se cansa de encarecer seus bons serviços á causa do partido conservador, que é a de todos os correligionarios, allegando sempre que por ella tem até sacrificado relações pessoais, trabalhando dia e noite.

Não serei eu quem vá tiral-a d'esta doce persnação. Estou muito disposto, pela minha parte, á crer no sincero patriotismo, na abnegação sem limites, no despreendimento raro, no sacrificio penoso com que a heroica redacção agasalha sob suas largas azas os pintalinhos accessados pelos *caracoras* da situação; receio, porém, que outros, mais attentos do q'eu, não queirão ver nos seus valentes esforços mais do q' a respiração caçada do egoismo, as condições de uma boa arrumação, a trama bem urdida de um negocio vantajoso, o véo transparente de falsas pretensões, em uma palavra, esforços em tudo semelhantes aos dos *Talans*—feitos para escalar o céu. O tempo dirá quem acertou.

Vamos ao código.
Sim senhor, já o li e achei-o bom, tão bom que pareceu-me fabricado n'alguma tenda de *Bambara*. Mas não é o que eu imaginava, porque em vez de encontrar n'ella disposições prohibitivas relativamente aos bailes liberacs, só deparei com disposições imperativas, que, aliás, a «Epoca» não cumpre, apesar de ser tão versada na arte do *savoir faire*; d'onde concluo que este código é de data antiquissima e já não regula.

A politica que elle encerra não é, certamente, tirada da Escriptura Santa, como a de Bossuet; talvez seja a reprodução das leis de Manou, ou antes, uma copia fiel do Alcorão. Ora, como não sou musulmano, deixo a sua leitura e interpretação aos *ulemas* da «Epoca».

Páro aqui sem mais vontade de voltar ao baile. Isto já me vai cheirando á walsas e contradanças, e temo que acabe em *charado*, que é dança da minha particular birra. Assim pois, e para não ficar ao alcance dos *desafios*, volto ao meu habitual silencio, que a «Epoca», na sua linguagem ascetica, chama *concentração voluntaria*.

Theresina, 19 de Setembro de 1883.

Polidoro Cezar Burlamaque.

Agradecimento.

Deparando no jornal «Semana» com a noticia de haver a distincta classe de estudantes dessa capital, representada pelos dignos jovens Eneas Alves do Nascimento, Raimundo Arthur de Vasconcellos e Francisco Pinto de Mesquita, mandado celebrar uma missa de *requiem* pelo eterno descanso de meu sempre lembrado irmão e amigo José Antonio da Silva Rocha, fallecido na Corte do Imperio, (onde se achava estudando), em 9 de Junho preterito, venho do alto da imprensa agradecer do intimo d'alma a piedosa bondade de tão illustre classe para com aquelles que já não pertencendo a cathalogo dos vivos, ha recebido d'aquelles que foram seus amigos da vida as mais sinceras provas de apreço e amizade.

Eu, ao mesmo tempo em que lastimo a morte de um irmão, de um amigo, com quem contava nas emergencias desta vida illusoria, e aquem parecia estar destinado a porvir bri-

lhante, siato-me verdadeiramente consolado, diante tamanha prova de estima e consideração em que era elle lido no seio dos que, consigo conviverão na terra do seu berço, e no correr de 18 annos de idade que apenas contava.

Oxalá que elle, onde quer que esteja, possa ouvir como eu, as vozes de todos aquelles que, se na vida forão seus amigos, provarão só-o na morte.

Acerte pois tão distincta classe a minha verdadeira gratidão por tudo quanto em honra a meu irmão fallecido tem dito e feito, podendo crer, que jamais me esquecerei dos sentimentos q' a ennobrecem.

Coiras, 14 de Agosto de 1883.

José Gentil da Silva Moura.

Pedido razoavel.

Peço a Exm.^a Sr.^a D. Anna Rosa Alvaenga e á seus Filhos, residentes no termo de S. Francisco, provincia do Maranhão, que mandem pagar o que me devem.

E' incrível que pessoas de sentimentos tão nobres estejam usufruindo do que já lhes tem sido exigido, e que continuem a fazer-o contra minha vontade.

Flores, em Valença, 6 de Setembro de 1883.

Ricardo Soares da Silva.

O genio.

A' NASCIMENTO FILHO.

Sabes o que é ser grande e ter um nome Que faça o mundo todo estremecer de medo? E' ser um André Chenier tangendo a tyra Das escadas do patibulo, já iam cedo.

E tu, qual aguia pousada lá no cimo D'esse andes, que o genio te offerece, Volve a vista pro solo da discreença, Que nas trévas tu verás novo Theséo.

Como a onda, que na praia vai cuspir Mil espumas gentis e flutuantes, Tu tambem sobre a face d'essos zoilos (.) Lanças phrases mimosas, delirantes.

Ergue além, muito além, esse teu genio Tão sublime, tão puro e tão fecundo; E se acaso quiserem condemnar-te, Solta um riso de desprezo para o mundo.

Em, 7 de Setembro de 1883.

Raimundo Tote.

(.) O auctor refere-se á uma chula redicula de um certo jornalzinho.

Variedade.

O covarde que bate na mulher.

(O marido espera a mulher que foi jantar fora. A's onze horas a mulher chega á casa, rindo a bandieiras dispregadas.)

O Marido.—Estás muito alegre, hoje, Sílvia; divertiste-te muito no jantar dos Richard?

A Mulher (rindo-se sempre).—Não és capaz de adivinhar o que me dá tanta vontade de rir.

Marido.—Gra! foi o Richard que deitou mais uma edição da sua classica pilheria de fazer temperar o café com sal.

Mulher.—Nada, não adivinhas, e o melhor é dizer-te logo de uma vez: Richard deu uma bofetada na mulher!

Marido.—Qual! o que?

Mulher.—Uma senhora bofetada de tal ordem, que toda a gente tratou de resguardar a cara com o guardanapo, para não levar pelas ventas caras de cabeça. Richard queria ter o lampião á direita do lado do olho que vê menos mal. Aglaé queria tê-lo á esquerda, para fazer luzir os brilhantes das joias; cada um d'elles por sua vez passava o lampião para onde o queria; ao fim de cinco ou seis vezes, Aglaé, que tem cabellinho na venta, pegou do lampião, e, muito de proposito, feriu com elle dentro do prato de hervas; foi então que o marido lhe chegou o tal calorzinho á bochecha. (fundo-se.) Eu não me ainda da cara que fez Aglaé; mas, por fim de contas, estou indignada com o tal Sr. Richard, porque o homem que bate em uma mulher é um covarde.

Marido.—Sim, em regra assim é...

Mulher.—Como, em regra? O que deves dizer é: sempre! O homem que bate em uma mulher é sempre um covarde!

Marido.—A menos que lhe tenham dado cabo da paciencia.

Mulher.—Dado cabo da paciencia! Tu terás o desafuro de defender o Sr. Richard?

Marido.—Não, não digo isso. Mas digo que ha circumstancias.

Mulher (seccamente).—Oíha, o melhor é dizer logo francamente o que pensas a respeito.

Marido.—Eu penso só o que estou dizendo...

Mulher.—E' que, com as tuas «circumstancias», parece que tambem queres entrar em scena.

Marido.—(ingenuamente).—Eu! Deus me livre!

Mulher.—Mas porque diabo ris tu quando dizes isso?

Marido.—Eu rio-me... Ora! eu rio-me, como tu te rias ha pouco... lembrando-me do gaiatão do Richard, que...

Mulher.—Gaiatão? Tu chamas tal brutalidade uma gaiatada? Vê-se bem que todos os homens fazem parede uns aos outros! Se fosse preciso, farias o mesmo, não? Ah! eu bem sei que não é boa vontade que te falta.

Marido.—Então o que é que me falta?

Mulher.—Falta-te topete. E' verdade que eu não sou teimosa como Aglaé.

Marido.—Não, lá isso, não és.

Mulher.—O que? Tu dizes isso assim como quem está a divertir-se comigo. Não basta accusar-me, apresenta provas. Então tu tens o atrevimento de dizer-me na minha cara que eu sou teimosa como Aglaé?

Marido (com paciencia).—Não, minha querida, repito-te que não... E' verdade que tu gostas um pouco de resingar...

Mulher.—Eu!!!

Marido (aprendendo-se).—Façamos de conta que eu não disse tal...

Mulher.—Não, senhor, pode falar... E' inutil fingir de victima silenciosa... Ah! eu gosto de resingar! Desafio-o a citar uma prova em apoio do que diz.

Marido (com doçura).—Mas, minha querida mulherzinha, sem irmos mais longe, ainda hoje de manhã tu teimaste comigo que o actor Menier é louro.

Mulher.—E é louro, sim.

Marido.—Não, eu juro-te que estás enganada, elle é moreno.

Mulher.—E eu digo que é louro.

Marido (cedendo).—Pois seja louro.

Mulher.—Eu não preciso das suas concessões ironicas... E' muito facil fugir resignação quando a gente não quer confessar que está em erro.

Marido (com paciencia).—Pois sim, sou eu que estou em erro.

Mulher.—Mas está assim com cara da quem diz isso dos dentes para fora; outro qualquer, que fosse menos teimoso diria: «Minha mulherzinha, perdoa-me o ter-te dito que o actor Menier é moreno...»

Marido (perdendo a paciencia).—Pois sim, sim, sim. Seja lá o que tu quizeres; mas, minha querida, fiquemos n'isto, por quem és. Tu queres que o actor Menier seja louro? Pois então, é louro. Se quizeres que elle seja verde, será verde.

Mulher (furiosa).—Verde! Oíhe que o senhor não está fallando com alguma maluca!... E já que quer levar as cousas por birra, eu sustento-lho na cara que o homem é louro.

Marido (um pouco irritado).—Pois sim, é tão louro, que até assa. Está satisfeita?

Mulher.—Que assa!... Bem prova que se o visses alguma vez, reconhecerias que elle é positivamente louro.

Marido.—Mas, com os diabos! eu já te disse vinte vezes que o conheço e que lhe tenho fallado.

Mulher.—Ah! então anda com elle pelos bastidores, fazendo a corte ás actrizes?

Marido (impacientando-se).—Ai! ai! ai! se começarmos agora esse capitulo, é um nunca acabar! (Querendo ficar em paz.) Oíha, Sílvia, o melhor é irmos dormir!

Mulher.—Com isso tudo, eu não fico sabendo onde é que o Sr. conheceu o louro actor Menier. (O marido passeia pelo quarto, sem dizer palavra). Seria mais digno de um homem bem criado responder-me, em vez de fazer estalar os dedos, como se os tivesse mettidos n'uma frigideira.

Marido (procurando acalmar-se).—Eu já te disse que foi na passagem Jouffroy, em um dia de chuva; havia muita gente; emperraram-me, recuei, pisou-me no pé, e voltei-me para pedir desculpa.

Mulher.—Acho bem extraordinario que tenhas pisado justamente no pé de um actor...

Marido.—Ho d'estes casos na vida...

Mulher.—E foi então que lhe pareceu que o homem era moreno?

Marido (olhando para o céu e de punhos cerrados).—Oh! Não dá mais palavra e anda pelo quarto a passos precipitados).

Mulher.—E' escusado estar a revirar os olhos e pôr-se teso, isso não é responder.

Marido.—Mas que dia o queres tu que eu te responda?

Mulher.—Que eu tenho razão.

Marido.—Mas eu t'o confessei duas vezes.

Mulher.—E' que ha uns certos modos de o dizer...

Marido (tomando um tom calmo).—Escuta, Sílvia, eu estou um pouco indisposto; por favor, não continuemos... Vamos dormir.

Mulher.—E' muito facil, quando não se tem razão, sabir-se dos apertos, inventando uma molestia. E acha que eu tambem não estou doente, ao cabo de uma hora em que o senhor me põe a cabeça tonta, correndo assim pelo quarto ao redor dos trastes?

Marido.—Então se estamos ambos doentes, o melhor é irmos dormir. Oha o que tu tens de somno.

Mulher.—Somno! Oha que eu... Marido (sentindo que lho foge a paciência).—Queres saer? eu prefiro ceder-te o lugar... (Vai metter-se na sala. A mulher, depois de o deixar um instante só, vai ter com elle.)

Mulher.—Quando achará que é tempo de acabar com a sua comedia...? O senhor sabe que eu não gosto da gente teimosa e cabeçuda. Que culpa tenho eu em ter razão? O senhor pensa que eu faço algum empenho em que o seu actor Manier seja moreno ou louro? Somentem, uma vez que elle é louro, eu quero saber que interesse pôle ter o senhor em fazel-o passar por moreno.

Marido.—Mas se eu confesso que elle é louro: deixo-me em paz, com mil diabos! (Foge para a sala de jantar).

Mulher (acompanhando-o).—O senhor podia pelo menos ser bem criado e responder-me sem praguejar como um carroceiro. Lá porque o senhor entende—não sei porque motivo—que deve fingir que está nervoso, nem por isso se deve considerar dispensado de ter modo de gente. (O marido retira-se para a cozinha)

Mulher (seguido-o).—E' demais, o senhor bem sabe que eu não posso aturar gente rancorosa, que parece estar sempre a roer o freio. Prefiro os que se exaltam de uma vez, e não procuram fazer render uma zanga; têm momentos de violencia, é certo, mas, pelo menos, quando a coisa acabou, acabou... como o meu bom amigo Richard, por exemplo.

Marido (irritado).—Ah! como eu o comprehendendo n'este momento!

Mulher.—O que? O que quer dizer?

Marido (procurando moderar-se).—Nada, nada, eu cá me entendo... Mas, pela ultima vez, deixa-me socegado. (Foge para a sala de espera).

Mulher (perseguido-o).—Ah! o Sr. approva o seu amigo Richard, por que deu uma bofetada na mulher! O Sr. quer talvez fazer o mesmo, e pensa que eu sou uma pastel, como Aglaé?... Pois caia na asneira de ameaçar-me, a mim!... só com a ponta de um dedo!... Amanhã será um homem morto! (Mettendo-se-lhe pelo nariz) Experimenta, bata-me!... Desafio-o (Elle a empurra de leve, sem dizer palavra) Ah! não se atreve! O Sr. não é bastante corajoso para ter esta covardia de bater em uma mulher! Está vendo estas unhas?... Marco-lhe a cara com ellas!

Marido (inda senhor de si).—Toma cuidado, Silvia; oha que me estás mettendo os dedos nos olhos!...

Mulher.—Quer fazer-me o favor de não me agarrar pelo pulso, sendo eu grilo pela guarda, digo que me assassinam e que ha fogo em casa, tudo ao mesmo tempo!...

Marido.—Então tem cuidado com as mãozinhas.

Mulher (nervosa ao ultimo ponto).—Ah! o Sr. quer assassinar-me, por que o actor Manier é louro! Pois experimenta... Ande, experimenta... Marido, (furioso).—Oh! (Sabe para o patamar).

Mulher (acompanhando-o).—Ah! o Sr. é d'esses que batem nas mulheres... Pois metta-se n'isso commigo. (Elle sobe para o segundo andar).

Mulher (sobindo tambem).—Bata-me, é isso o que eu quero... Bata-

me... (cerrando os punhos e rangendo os dentes) é, é, é, o actor Manier é louro... Agora, bata-me, se é capaz. (Elle sobe para o terceiro andar.)

Marido (cantando).—Elle é louro, elle é louro, louro, louro... Bata-me... E' louro, é louro... (No quarto andar.)

Mulher (donda, furiosa).—E' louro, é louro, é louro... Então não me bata, grande covarda é... (O marido quer continuar a subir, mas reconhece que está nas aguas fortadas.)

Mulher.—Eu bem dizia que o senhor não tinha topete para me bater. Agora que me arrastou para as aguas fortadas... longe de testemunhas... bata-me, se é capaz. Eu desafio-o!

Marido (perdendo a cabeça).—Oha Silvia, tu põs-me maluco. Pelc amor da Deus, caia a toca!

Mulher.—O homem é louro!

Marido.—Uma vez!... duas vezes!...

Mulher.—E' louro, é louro, é louro!

Marido.—Tres vezes!

Mulher.—E' archi-louro!

Marido, (ôra do si).—Pois toma!

(Da-lhe uma bofetada).

(Ha um momento de embargo. O marido fica espantado do seu acto de brutalidade; mas a commoção produziu uma crise salutar no estado nervoso da mulher, que de repente desata a chorar.)

Marido (envergonhado).—Silvia, peço-te duzentas mil vezes perdão de...

Mulher (soluçando).—Não, meu bem, eu é que te peço que me perdoes por ter teimado commigo... Eu estava enganada... Agora é que me lembro... Eu confundia o actor Manier com a celebre cantora Nilson, da Grande Opera.

EPILOGO.

O estalar da bofetada, vibrando nas aguas fortadas, acordou todos os moradores da casa, que pensaram que era a viga mestra que tinha rachado. Chegaram todos ás portas de seus aposentos na occasião em que o casal descia muito contente com a sua reconciliação.

Quando os dois passavam, os visinhos sorriam assim como quem quer dizer:

Que duas creanças! Muito se amam estes dois, para irem assim passear juntinhos pelos telhados... como os gatos...

E é assim que se escreve a historia.

(Extr.)

TELEGRAMMAS.

Paris, 16 de agosto.

O jornal « Le Temps » dá curso á noticia de que o governo chinês faz grandes compras do material de guerra e fortifica diversos pontos estrategicos.

Roma, 17.

O ministro plenipotenciario italiano tendo dirigido representações ao sultão de Marrocos, sobre máos tractos inflingidos a subditos italianos, este repelliu as representações e nenhuma importancia ligou a ellas.

O governo de S. M. o rei da Italia enviou uma esquadra para exigir plena satisfação.

Paris, 17.

O estado do Conde de Chambord apresenta uma ligeira melhora.

Corre o boato de terem sido bati-

dos os annamitas no Hanoi e em Nam-Dinh, cidades de Tonkin occupadas pelas tropas francezas.

Alexandria, 17.

O numero das victimas feitas pelo colera-morbus eleva-se á 22.

Rio de Janeiro, 18.

O senado approvou hontem em 2.ª discussão o orçamento do ministerio da marinha para 1884—85.

Paris, 19.

O estado do conde de Chambord aggravou-se consideravelmente. Augmenta a fraqueza do doente, e são atrozes os seus sofrimentos.

Roma, 19.

O sultão de Marrocos deixou sem resposta o ultimatum que lhe foi enviado pelo governo italiano; todavia acredita-se que o sultão aceitará as condições que lhe impozer o ministro da Italia.

Trieste, 19.

A proposito da Italia, deram se nesta cidade algumas desordens, embora sem gravidade.

Paris, 20.

Começou a agonia do conde de Chambord, e progride lentamente.

Rio, 20.

Foi nomeado secretario da commissão directora do prolongamento da ferro-via de S. Francisco, o Dr. José Maria de Albuquerque Mello.

—Seguim hoje para o norte no paquete nacional: o presidente de Alagoas e os Drs. Innocencio Seraphico de Assis Carvalho e Justo Chernomol.

Paris, 22.

As tropas francezas apoderaram-se da cidade de Hai Dzuong, proxima da de Hanoi, no Tonkin.

Rio de Janeiro, 22.

A camara dos deputados approvou hontem em 2.ª discussão o orçamento do ministerio da guerra para 1884—1885.

—Hontem os bancos não affixaram tabelettas.

Paris, 22.

A Gazeta da Allemannha do Norte tem publicado diversos artigos muito provocadores, accusando os jornaes francezes de atacar a Allemannha e de comprometter a manutenção da paz.

Sargon, 23.

As tropas francezas atacaram os annamitas em Soughai, importante posição sobre a Rio-Vermelho.

Após um combate encarnizado, os annamitas deixaram mil e cem homens no campo de batalha.

As perdas francezas são de cem mortos ou feridos.

Sargon, 24.

A esquadra franceza, sob o commando do almirante Courbet, bombardeou a cidade de Hué, capital de Annam; as tropas desembarcadas apoderaram-se de todos os fortes, depois de derrotarem completamente o exercito annamita que perdeu 800 mil homens.

O imperador do Annam entrou em negociações com o Dr. Harmand, commissario geral da Republica Franceza.

Paris, 24.

Falleceu hojs pela manhã o conde de Chambord.

Quasi todos os jornaes europeus desaprovam completamente os artigos publicados pela Gazeta da Allemannha.

Paris, 25.

As exequias do conde de Chambord terão lugar na provincia austriaca do Istria, na cidade de Garritz, que durante muitos annos foi a residencia

dos Bourbons decabidos do throno de França.

Por despacho do 11 do passado foram nomeados:

CHRONICA SEMANAL

Actos officiaes—Do governo central

MINISTERIO DO IMPERIO.

Presidente da provincia do Santa Catharina, o Dr. Francisco Luiz da Gama Rosa.

1.º vice-presidente da provincia de Goyaz, o tenente coronel Antonio José Baade.

Adjunto á primeira cadeira de clinica medica da Faculdade de Medicina da Bahia o Dr. Frederico da Costa Rebelio.

Adjunto á segunda cadeira da mesma clinica na referida faculdade, os Drs. Francisco Bráulio Pereira e Anísio Circundes de Carvalho.

Foram concedidas as exonerações que pediram:

O bacharel Theodureto Carlos da Faria Santos, do cargo de presidente da provincia de Santa Catharina.

O bacharel Antonio Gomes Pereira Junior do de presidente da provincia de Goyaz.

O bacharel Vicente Machado da Silva Lima do de secretario da provincia do Paraná.

—Fez-se mercê:

Do titulo de conselheiro, ao desembargador Antonio de Sozza Martins presidente da Relação de Porto Alegre.

Do foro de moço fidalgo, com exercicio na casa imperial, ao bacharel Francisco Vieira Monteiro, secretario da legação do Brasil em França,

MINISTERIO DA JUSTIÇA

Por decretos de 8 do passado:

Foi dispensado o juiz de direito Benjamin Franklim de Oliveira e Mello do cargo de chefe de policia da provincia do Ceará, por assim o haver pedido:

Foram nomeados:

Chefe de policia da provincia do Ceará, o juiz de direito João dos Reis de Souza Dantas Filho.

Juiz de direito da comarca do Rio Real, da 1.ª entrancia, na provincia de Sergipe, o bacharel Napoleão Simões de Oliveira.

Juizes municipais e de orphãos:

Do termo de Bragança, na provincia do Pará o bacharel Joaquim Varella de Oliveira Marcondes.

MINISTERIO DA FAZENDA

Por decreto de 11 do passado foram nomeados:

O 1.º escripturario do thesouro Antonio Caetano da Silva Kily para inspector da thesouraria da Bahia.

Para 1.º escripturario do thesouro Antonio Joaquim Coelho.

Para 2.º e 3.º escripturarios Francisco José Pereira de Oliveira e José Eduardo da Costa e Cunha.

● balão do Sr. Julio Cesar:—Lê-se no « Paiz »

Grande numero de pessoas affluiram hontem á cathedral, para verem o balão do Sr. Julio Cesar, trabalho verdadeiramente gigantesco e digno de ser visto, mesmo por aquelles que presumem ter o segredo das grandes conquistas e a sciencia da resolução dos problemas extraordinarios.

O balão enchia a grande nave da grande cathedral, que passa por um dos templos mais espichosos do imperio.

Mede o monstro 52^m de comprimento e 10^m, 40 de maior diametro. O corpo destinado a conter o gaz é de sêda dupla, impermeavel na parte exterior. Dentro do balão ha um balonete, tamem de sêda impermeavel, com a capacidade de 300 metros cubitos. Este balonete tem por fim manter a forma do balão no caso de perda ou de condensação de gaz.

Uma camisa, igualmente de sêda, reveste o balão pela parte superior até o maior plano horizontal.

Esta camisa é sobrecostida de cordões, dentro dos quaes se estendem em todo o comprimento do balão, cordas que augmentam lhe a solidez.

Das extremidades interiores da camisa e dessas cordas descem duas redes, circumdão todo o balão, uma alicatada e outra branca. Estas redes e as cordas que dellas pendem, em numero, de cerca de 500, tem por fim prender ao balão uma grande verga, do comprimento deste, á qual devem ser fixadas a barquinha, as azas, o leme e a ancora.

As azas medem 12 metros de comprimento sobre 8 de maior largura, formando cada uma um triangulo, cujo maior lado é paralelo á grande verga.

A cauda forma um triangulo de 6 metros de lado.

Tambem estiveram em exposição a machina a vapor, cujo reservatorio explosivo em Paris, as pás, hélices, os troncos e juntas das azas, grande quantidade de cordame, 200 saccos para lastro, 26 tubos de chumbo para um apparelho de produzir hydrogeno pela via humida, um bôijão de verniz para o balão, um ventilador mecanico e outros pequenos accessorios.

Como ja dissemos, foi grande o numero de pessoas que affluam á Cathedral, entre as quaes notamos S. Exc. o Sr. presidente da provincia, muitas senhoras e cavalheiros de diversas classes sociais.

O Exm. Sr. general visconde de Maracajú manifestou-se tomado de enthusiasmo pelo que observou: viu-o abraçar o illustre aeronauta, Sr. Julio Cesar.

Industria Indra.—Lê-se no « Paiz »:

Um viajante, proximo da estação do caminho de ferro de Paris cahiu por terra sem sentidos. Acercou-se logo a multidão. De momento ouviu-se uma voz de mulher que grita.

—Meu marido! Onde está elle? Deixem-no ver.

Afastaram-se todos, respeitando aquella dôr e dando passagem á afflicta esposa. Esta aproxima-se do viajante, e, em seguida a uma interjeição aguda e vibrante, capaz de esturdecer o mais valente o gão auditivo, começa nervosamente a desabotoar-lhe o coctete, a tirar-lhe a gravata e a abanar-o com fênese.

Apenas, porém, elle começa a abrir os olhos foge e desaparece. Então um dos circumstantes, commovido pelo que acabava de presenciar, acerca do viajante e diz-lhe:

—Boa fortuna foi a sua em apparecer aqui sua mulher.

Milha mulher! retorquiu o outro tocado de surpresa.

—Sim, senhor. Foi ella quem lhe valeu.

—Mas eu sou solteiro!

Ao d'zer, isto, o viajante casualmente leva a mão ao bolso e, não vendo o relógio, procura nas algibeiras, e nem um lenço encontra!

O caso explicou-se então. A industria do roubo, havia aproveitado aquelle ensejo para ensaiar mais um de seus ardis.

Notas em substituição.—Até o fim da corrente mez tem desconto de 80% as notas de 100\$000, brancas, 4.^a estampa, e igual as de 20\$000, 6.^a estampa.

Até 31 de Outubro, as notas de 200\$000 verdes.

Até o fim do anno, sem desconto, as notas de 20\$000, 5.^a estampa; 10\$ verdes; 10\$ 5.^a estampa e 1\$000 3.^a estampa.

Execução.—Começou a ser executado em Santa Catharina o convenio feito pelos negociantes da capital de só venderem a dinheiro, sem excepção de pessoa alguma.

Descrição.—Por affluencia de materia deixamos de publicar ainda neste numero os documentos que acompanharam o escripto do Sr. Jesuino Lustosa, inserto no numero passado desta folha; do que lhe pedimos desculpa.

Fallecimento.—Em consequencia de um laborioso parto, aggravado por outros incommodos de saúde, exhalou hontem o derradeiro suspiro a Exm.^a Sr.^a D. Rosa Furtado Ribeiro, virtuosa esposa do Sr. capitão Antonio Ribeiro Soares, deixando immersa na dor e no luto sua numerosa familia composta de 7 filhos.

O passamento da D. Rosa Ribeiro tem sido com sobeja razão pranteado, porque ella se impunha a consideração de todos como mãe modelo, espo a desvalida, e amiga extremosa.

Uma prece por sua alma e nossas condolencias a sua Exm.^a familia.

ANNUNCIOS

Presentemente em tratamento de minha saúde na Europa, declaro para os devidos fins e a herde de meu direito, que não mudei minha residencia para fóra do imperio do Brazil.

Devo, portanto, ser considerado domiciliario na capital da provincia do Piahy, enquanto não annunciar o contrario.

Lisbôa, 7 de agosto de 1883.

João Carneiro.



DIOMEDES ROMEU.

CIRURGIÃO DENTISTA

DA

CASA IMPERIAL.

Consultorio na rua da Gloria n. 5 das 7 as 9 horas da manhã e das 11 as 3 da tarde.

Quereis chapéus lindos e boinas para senhoras?

Na casa de Joaquim Brasileiro

Atenção!

Atenção!

Brevemente chegará nas cidades de Ambrante, Oelás, e vilas de Valença, Picos e Jaicós, a companhia gymnastica Brasileira—Victoria Cearense, sob a direção do artista Raimundo José Fortaleza.

Levando trabalhos importantes e maravilhosos, q'farão admirar, e não commiciados nesta provincia por outros artistas.

Consta o pessoal da companhia dos seguintes artistas:

Raimundo José Fortaleza.
José Raimundo Fortaleza.
Firmino de Santa Luzia e Souza.
D. Anália de Castro. (atriz)
Mouel Vieira Mucuripe.
O Jovem, Joaquim Carneiro.
Joaquim Cabral.

A companhia é composta dos genios seguintes:

Saltadores, voadores, equilibristas japonezes, e com especialidade os voadores e deslocadores.

ALERTA! ALERTA!

Rapaziada, que o grande palhacinho vai dando cartas e jogando de mão. Theresina, 20 de setembro de 1883.

Nesta typographia

se diz quem vende o terreno de quinta místico a Fundação, com 44 metros de frente e 46 de fundos, (cercado e plantado) dando-se preferencia a companhia de navegação a vapor.

—João de Freitas e Silva, e José Camillo de Freitas e Silva, Irmãos, negociantes estabelecidos nesta villa de Peripiry, tendo em data de 16 do mez proximo passado dissolvido amigavelmente a Sociedade commercial que aqui tinham egirava sob affirm social de—Freitas & Irmão,—ficando a cargo do socio João de Freitas e Silva, todo o activo passivo da extincta firma e o socio José Camillo desobrigado de toda e qualquer responsabilidade commercial da mesma firma por ter feito naquella data pagamento, em gados, do alcance em que se achava para com a mesma conforme consta dos livros respectivos e balanço geral então feixado, e tendo hoje concluido a respectiva liquidação nesta villa isto mesmo fazem sciente ao respeitavel publico ao corpo commercial, não só desta mesma villa, como tambem da praça da Parnahyba aonde exercem suas transações commerciaes, e tem ainda diversos credores a extincta firma e por cujas dividas fica exclusivamente responsavel o socio João de Freitas Silva.

Peripiry 5 de agosto de 1883.

João de Freitas e Silva
José Camillo de Freitas e Silva.

—João de Freitas e Silva, ex-socio da extincta firma—Freitas & Irmão, havendo por occasião da dissolução amigavel da mesma sociedade em 16 do mez p. passado ficado com o activo e passivo da mesma firma, e responsavel pelas dividas, passivas da sociedade, tendo—então se retirado o socio José Camillo de Freitas e Silva quites com a mesma casa, por ter pago, em gados o al-

cance em que com ella se achava isso mesmo vem declarar ao publico em geral e a seus credores e devedores —em particular, declarando que continua com a mesma casa de commercio sob sua propria firma de João de Freitas e Silva.

Peripiry, 5 de agosto de 1883.

João de Freitas e Silva

Egido Gonçalves Pedreira, declara que tem gados de toda sorte para vender em suas fazendas Lagoa Grande, Tamandua e Flores, quem pretender dirija-se a casa de sua residencia na rua grande n. 14.

Theresina, 31 de agosto de 1883.

No Engenho d'agua vende-se aguardente de superior qualidade a 150 reis o litro.

SELLA

De montaria para senhora; n'esta typographia se diz quem tem uma em bom estado para vender, por modico preço.

Theresina, 15 de Setembro de 1883.

Atenção

Para a casa de Raymundo Antonio Marques, chegou:

Cazemira diagonal preta de duas larguras e de bom gosto.

Mirindó preto muito bom e largo.

Cazemira setim de superior qualidade.

Lustrim fioissimo.

Chocolate novo e de muito bôe qualidade.

Charutos finos da Bahia.

Cigarros amarelos fresquinhos e da melhor qualidade.

Ditos brancos.

Rapê Princeza da Bahia.

Tiras bordadas e chrochês.

RUA PAYSANDU'.

A PHARMACIA PEDREIRA

Para cura de asthma.

Cigarros de stramonio

Ditos de canhamo indiano

Papel Gickel—para fumigações—

Bombas para tirar leite

Collares electro-voltaicos e magneticos—

Lencetas finas

Machinas e copos para ven'osas

Siringas de Pravaz—

Fundas simples e duplas

Grande sortimento de tintas, pin-

ceis, breu, alcool, salitre, enxofre, gomma lacre, lizas, colla, papeis de cores &.

Preços resumidos, mais barato do que em qualquer outra parte.

Rua Grande n.º 18.

Theresina—Praça Saraiva—1883.